

ELEMENTOS PARA O PLANEJAMENTO DA PESQUISA

Antônio Luiz de Macêdo Costa *

Resumo: O autor traça um roteiro seguro e preciso para o planejamento e desenvolvimento de uma pesquisa, de forma simples, prática e, principalmente, didática. Aborda as diversas fases de uma pesquisa, orientando o pesquisador sobre os procedimentos que são aconselháveis em cada uma dessas fases. Dá as normas básicas para a elaboração de um projeto de pesquisa, encarecendo os cuidados do pesquisador, quando da realização da tarefa.

* *Da Fundação João Pinheiro. Professor de Metodologia Científica do Curso Superior de Polícia.*

1. INTRODUÇÃO

O planejamento da pesquisa, de fundamental importância para o êxito do trabalho de produção científica, reveste-se de uma certa complexidade, especialmente para os iniciantes neste processo.

O esclarecimento das regras que determinam os procedimentos aí implicados corre como um elemento facilitador, reduzindo as dúvidas e, ao mesmo tempo, ampliando as possibilidades de sucesso na preparação da pesquisa.

São numerosos os manuais da metodologia científica que orientam e subsidiam o processo de realização da pesquisa, inclusive seu planejamento. Quis-se, no entanto, utilizando essas contribuições, propiciar aos participantes da disciplina Metodologia da Pesquisa nos cursos da Polícia Militar de Minas Gerais um instrumento mais adequado às especificidades dos trabalhos de produção científica ali desenvolvidos. Sem a pretensão de inovar com relação aos procedimentos convencionais, procurou-se definir e propor uma metodologia ao estilo da mencionada clientela, levando em conta os seus objetivos e condições de trabalho.

Desenvolvidas de um modo simples e prático, as orientações aqui contidas centram-se na fixação e descrição de roteiros para projetos e relatórios de pesquisa, além de apontar diretrizes gerais relacionadas com a efetivação de trabalhos na implementação de tais projetos.

A experiência com o emprego deste instrumental, devidamente avaliada, ditará as modificações a serem feitas com vistas ao seu contínuo aperfeiçoamento.

Vale mencionar, finalmente, que o uso destas orientações não dispensará a consulta a outros textos sobre metodologia, onde o aluno encontrará informações para resolver dúvidas e ampliar seus conhecimentos a respeito da preparação e realização de pesquisas.

2. PROCEDIMENTOS PRELIMINARES E INICIAIS COM VISTAS AO PLANEJAMENTO DA PESQUISA

A preparação de uma pesquisa resulta num processo muitas vezes demorado que implica o gradativo envolvimento da pessoa interessada com as idéias, questões, definições e decisões relativas ao trabalho e ao produto visados.

Como se verá a seguir, antes mesmo de formular um Projeto de Pesquisa, e para a tanto se chegar, uma série de etapas precisa ser ultrapassada.

2.1. Eleição e definição aproximada do assunto/tema

Trata-se de estabelecer o campo em que se pretende desenvolver a pesquisa. Isto tem a ver com os próprios interesses, objetivos e motivação do pesquisador, bem como

pode surgir de sugestões ou demandas feitas por entidades a que o mesmo se ache vinculado ou que atuarão apoiando a pesquisa.

Independente de sua origem, o tema, nesta fase, é ainda amplo, circunscrevendo a específica área do conhecimento sobre a qual iniciará o trabalho da pesquisa. (1) A definitiva delimitação dessa área — o tema específico — será alcançada através de sucessivas aproximações ao longo do processo de planejamento da pesquisa.

2.2. Levantamento de fontes e identificação de material relacionado com o assunto

Onde encontrar informações acerca do assunto escolhido? Que pessoas podem ser ouvidas e emitir dados e opiniões a respeito? Que obras — livros, documentos, publicações — é possível consultar?

Este mapeamento, baseado em conhecimentos pessoais do pesquisador e em indicações obtidas no universo de suas relações profissionais, aponta uma primeira direção para a busca de elementos em apoio ao estudo a ser desenvolvido.

Avançando mais um passo, procura-se então classificar estas fontes, identificando o tipo de contribuição que cada uma pode proporcionar na consulta visada.

2.3. Acesso às fontes para análise crítica e 1ª seleção do material

Isto se aplica especialmente para as chamadas fontes "papéis", ou sejam livros, artigos, obras de referência e documentos, encontrados em bibliotecas, centros de pesquisa, museus e arquivos.

Faz-se um primeiro contacto para localizar e tipificar o que for de interesse e aproveitável para o estudo visado. Nem toda fonte tida inicialmente como contributiva revela-se útil após esta primeira aproximação. Também é possível que não se esgotem nesta fase todas as alternativas de fontes de consulta. Outras poderão ser descobertas e identificadas durante o desenvolvimento do estudo, em função de novas percepções agregadas pelo pesquisador, e de novas indicações que lhe serão feitas em decorrência dos contactos realizados.

2.4. Ler, registrar e organizar o que foi considerado interessante e aproveitável

Uma vez localizado e identificado o material disponível, trata-se de ler, resumir, transcrever, copiar — enfim documentar — o que venha a interessar de alguma forma ao estudo. Forma-se um acervo de informações, dados, opiniões, modelos que servirão de matéria-prima a ser elaborada na fundamentação e desenvolvimento da argumentação prevista no trabalho.

Os registros ora sugeridos precisam ser feitos de modo organizado, sistematicamente, segundo as técnicas de resumo e fichamento, de acordo com algum tipo de codi-

(1) *E.M. LAKATOS e E. de Andrade MARCONI. Fundamentos da Metodologia Científica, pág. 193.*

fixação. Sem este controle, corre-se o risco de perder tempo e esforço no tratamento do material ou de não tirar o melhor proveito e fazer a adequada utilização do mesmo.

2.5. Esboçar o modelo ou proposta de estudo a realizar

Com base nos elementos anteriormente recolhidos, arquitetar, gradativamente, o modelo de trabalho visado. Desenhar o esboço do estudo, dando um mínimo de estrutura e organização ao mesmo, definindo-lhes partes, aspectos ou abordagens, metodologia e fundamentos. Tem-se então um anteprojecto, cuja configuração final, com a agregação de novos elementos, definições e especificações, será o Projecto de Pesquisa ou de Monografia.

3. ROTEIROS PARA A PESQUISA

A — PROJETO DE PESQUISA

“Em uma pesquisa, nada se faz ao acaso. Desde a escolha do tema, fixação dos objetivos, determinação da metodologia, coleta de dados, sua análise e interpretação para a elaboração do relatório final, tudo é previsto no projeto de pesquisa”. (2)

A existência de um projeto torna-se fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, pois sem isso o pesquisador perder-se-ia no emaranhado de dados colhidos, nas numerosas decisões a tomar, sem um rumo para orientar seu esforço de produção e elaboração. Ao iniciante que pensar ser a elaboração do projeto perda de tempo, a experiência vai ensinar que iniciar uma pesquisa sem projeto é uma temeridade, responsável por muita pesquisa começada e não terminada, com esbanjamento de tempo e recurso. Partindo para o trabalho sem planejar, o pesquisador lança-se à improvisação, tornando o trabalho confuso, dando insegurança ao mesmo, reduplicando esforços inutilmente. Devendo ser apresentada a uma instituição para apoio e aprovação, a pesquisa não pode prescindir de um projeto que passa a ser uma exigência. (3)

A estrutura de um projeto de pesquisa, refletindo a lógica do método científico, constitui-se de um conjunto de fases e etapas em que variadas definições e escolhas devem ser expressas, configurando uma proposta de trabalho específico.

Mesmo sendo específico, com tema e abordagem próprios, cada projeto encerra um conjunto de itens comum aos demais, ressalvadas variações de estilo ou de forma, geralmente não essenciais. Há, portanto, uma padronização, mesmo não rigorosa, na estruturação dos projetos de pesquisa.

Um projeto de pesquisa, em geral, compreende os itens abaixo, todos coordenados entre si, no eixo de um determinado processo de produção de conhecimento científico.

I — Apresentação

Embora redigida por último, após estabelecidas todas as definições acerca da pesquisa a desenvolver, a apresentação, sinteticamente, dá ciência, ao destinatário do pro-

(2) *Op. cit.* 190.

(3) Franz Victor RUDIO. *Introdução ao Projeto de Pesquisa*, p. 45.

jeto ou a seus leitores em geral, do que ela contém, da sua finalidade, motivação e importância. É elaborada de tal forma que, uma vez lida, sabe-se quase tudo, ou pelo menos o essencial, acerca da pesquisa e do decorrente trabalho de sua produção.

Trata-se de um texto corrido, curto, simples e objetivo que expõe de modo direto o que é o projeto que se tem em mãos, despertando o interesse em manuseá-lo e conhecê-lo.

Como de resto ocorre respectivamente com os demais itens do projeto, o conteúdo da apresentação se transporta no todo ou em grande parte para a introdução do relatório final da pesquisa ou da monografia. Do esforço de elaboração feito para o projeto de monografia tudo se aproveita na produção do documento final.

A apresentação equivale à introdução do projeto.

II — Objetivos

Neste item, explicita-se o que se pretende alcançar ou obter — mudanças, produtos, contribuições e ajudas, exigências a atender — como resultado da realização da pesquisa.

Os objetivos podem ser gerais — abrangentes e sintéticos — expressando as intenções globais do projeto, e específicos — restritos, analíticos —, expressando produtos e resultados parciais e intermediários em relação aos primeiros.

Podem-se distinguir ainda os objetivos extrínsecos ou externos, relativos às intenções políticas — institucionais e administrativas — do trabalho de pesquisa, e os objetivos intrínsecos ou internos, também chamados objetivos de estudo, referentes aos aspectos acadêmicos ou de geração do conhecimento propriamente dito.

Os objetivos balizam os demais itens do projeto, pois estabelecem direcionamentos, limites e opções que condicionam o trabalho como um todo e seus desdobramentos.

III — Justificativa

Pode ser um texto único, reportando-se ao trabalho global e analiticamente ou subdividir-se em diversos textos específicos, um para cada item que implique algum tipo de decisão ou opção. Serve para defender o projeto, sustentando, numa argumentação lógica, a sua importância, a relevância do tema, a necessidade de seus resultados para a solução do problema ou melhoria de situações num determinado contexto de desenvolvimento social, político, econômico, cultural ou científico.

Procura-se com isto dizer "o porquê" do projeto, com intenção de persuadir o destinatário e leitores em seu favor.

IV — Objeto

Este item — objeto — equivale a responder à pergunta: "o que vai ser pesquisado"? Compreende o conjunto de definições referentes a assunto, tema, problema e hipótese. Tais definições devem ser formuladas conjuntamente, imbricadas, pois são interdependentes, exigindo coerência entre si.

IV — 1. Assunto

Segundo LUCKESI, assunto é uma área ou âmbito abrangente do conhecimento. É, portanto, amplo, complexo, cheio de variáveis, é como um 'oceano'. São assuntos, por

exemplo, política, cultura popular, folclore, economia, educação, esporte, entre outros. Mesmo sendo indicado por outrem, importa entender bem o assunto e assumi-lo como algo nosso, isto é, como uma razão de ser, um "por quê" e um "para quê". (4)

IV – 2. Tema

Escolhido o assunto, é preciso tematizá-lo, ou seja, selecionar e assumir um aspecto delimitado do mesmo, definir um ângulo, um enfoque, uma abordagem mais restrita, mais concreta, menos genérica e abrangente. Tal enfoque específico permitirá reflexões e análises mais detalhadas, originais e rigorosas, fugindo das generalidades. (5) É como o ajuste do foco de uma lente.

Exemplificando: tomando-se o assunto "Favela em BH", um dos temas derivados seria: "A Vida Familiar dos Favelados do Papagaio", delimitando o enfoque e o trabalho da pesquisa.

IV – 3. Problema

A formulação do problema decorre do tema selecionado. Trata-se de explicitar e esclarecer "a dificuldade específica com a qual se defronta e se pretende resolver por intermédio da pesquisa". (6)

O problema é formulado como uma pergunta, um desafio, uma curiosidade que motiva o pesquisador a investigar, a desvendar mistérios, a procurar saber, a vencer desafios. O problema pode ser expresso também na forma de uma afirmação, assegurado seu caráter indagativo, questionador.

Para manter essas características, o problema, em sua formulação, deve estabelecer algum tipo de relação entre fenômenos ou variáveis, entre um fenômeno conhecido, observado, e um não conhecido, gerando, assim, uma indagação e a necessidade de uma descoberta. Procura-se estabelecer, em verdade, ordem e conexão entre fatos isolados e, assim, remover a dificuldade sentida e esclarecer a dúvida pré-existente.

IV – 4. Hipótese

Definido o problema, parte-se para elucidá-lo, inicialmente, de forma provisória. Isto é feito formulando-se uma resposta provável, ainda não definitiva, ou seja, uma hipótese.

A hipótese, segundo LUCKESI, é um ponto de vista a ser defendido, uma tese a ser demonstrada. Equivale a "um ensaio, tentativa ou criação de resposta imediata ao problema identificado, é o enfoque a ser defendido, discutido e explicitado. Ela é provisória, porque ainda não estudada, nem pesquisada, nem demonstrada. Será, então a investigação, a continuidade do processo da pesquisa que irá explicitar a hipótese, sua veracidade, verificação, comprovação ou falsidade". (7)

A hipótese está para o pesquisador como a bússola para o navegador: aponta a direção a que se visa, possibilitando, assim, as eventuais correções e esclarecimento do cami-

(4) Cipriano C. LUCKESI. *Fazer Universidade: uma proposta metodológica*, p. 177.

(5) *Ibid.*, p. 177.

(6) E.M LAKATOS e E. de Andrade MARCONI. *op. cit.* p. 194.

(7) Cipriano, C. LUCKESI, *op. cit.* p. 180.

nho a seguir até o final do processo. Tem a função de orientar o pesquisador na direção daquilo que pretende explicar ou demonstrar (8), ou seja, na busca e na descoberta dos fatos e das relações que existem entre eles.

A principal resposta constitui a hipótese básica, podendo ser complementada por outras chamadas secundárias, ou desdobrada em sub-hipóteses.

IV – 5. Variáveis

Toda hipótese constitui o enunciado geral de relações entre variáveis.

Variável é um conceito que encerra valores: quantidade, qualidade, características. Como conceito é um substantivo que representa classes de objetos, como, por exemplo, sexo, escolaridade, renda mensal, participação política. Uma variável apresenta duas características fundamentais: a) são aspectos observáveis de um fenômeno e b) devem apresentar variáveis ou diferenças em relação ao mesmo ou a outros fenômenos. Pode-se, então, definir variável como características mensuráveis de um fenômeno, que podem apresentar diferentes valores ou ser agrupadas em categorias. Exemplo: a variável **idade** apresenta diversos valores: 10, 15, 20 anos; a variável **estado civil** pode ser agrupada nas categorias: solteiro, casado, viúvo, desquitado (9).

V – Embasamento Teórico

A ciência ou o processo de produção do conhecimento científico se desenvolve por acumulação, gradativamente. O conhecimento de hoje se agrega ao conhecimento de ontem, existente e disponível, numa linha regular de continuidade, salvo raros momentos de ruptura como tem ocorrido na história da ciência.

A produção do conhecimento, por outro lado, é um processo social em que cada autor se associa a outros, se apoia em idéias de outros, compartilha com terceiros seu esforço na busca de resposta para suas indagações.

Pesquisar, portanto, não é um ato solitário e dificilmente alguém conseguirá realizá-lo assim.

Uma forma de o pesquisador buscar apoio para o desenvolvimento de suas idéias é amparar-se em terceiros já existentes na literatura relacionado com seu tema e suas hipóteses, procurando enquadrar-se em um contexto, universo ou marco teórico que lhe propicie referências, sinalizações, sustentação ou embasamento.

V – 1. Teoria de Base

Em primeiro lugar, o pesquisador deve correlacionar a pesquisa com o universo teórico concernente, optando por um modelo teórico (teoria, quadro conceitual) que propicie embasamento à interpretação do significado de dados e fatos colhidos ou levantados. Todo projeto de pesquisa deve, então, conter as **premissas ou pressupostos teóricos** sobre

(8) *Ibidem*, p. 180.

(9) Roberto J. Richardson. *Pesquisa Social*, p. 62.

os quais o pesquisador fundamentará sua interpretação, referenciará suas análises, enlaçará suas previsões e proposições. (10)

Este é o sentido da teoria de base. Um exemplo disso poderia ser: um estudo que correlaciona atitudes individuais e grupais de autoridade e subordinação na organização empresarial, visando a discernir comportamentos rotulados como de chefia e liderança, associando-os com a maior ou menor eficiência no cumprimento dos objetivos da organização. Uma das possíveis teorias que se aplicam às atitudes dos componentes da empresa é a do tipo ideal de autoridade legítima, descrita por Weber (autoridade tradicional, legal/racional, carismática). (11)

V – 2. Revisão Bibliográfica

Pesquisa alguma parte da estaca zero. Mesmo um estudo pioneiro, de avaliação de um fenômeno ou situação concreta desconhecida, encontra relação, pelo menos parcial, com estudos semelhantes ou complementares de certos aspectos do tema a ser pesquisado, das hipóteses e variáveis a serem demonstradas.

Segundo LAKATOS e MARCONI, uma procura de tais fontes e referências, documentais ou bibliográficas, torna-se imprescindível para a não-duplicação de esforços, a não-“descoberta” de idéias já expressas, a não-inclusão de “lugares-comuns” no trabalho. A menção das principais conclusões a que outros autores chegaram a respeito do tema em estudo permite salientar a contribuição e relevância da nova pesquisa, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes. (12) Permite ainda ao autor demonstrar sua atualização com os estudos e descobertas da área de conhecimento em pauta.

V – 3. Definição de Termos

É possível que determinados conceitos, expressões e termos utilizados no estudo não sejam unívocos, deixando margem a dúvidas quanto ao entendimento de seu real significado no contexto do trabalho. Neste caso, deve-se explicitá-los, defini-los com precisão. Assegura-se, assim, clareza na comunicação com o leitor ou destinatário da pesquisa.

Termos como QI, classe social, temperatura elevada precisam ser especificados. O que significa temperatura elevada? Acima de 30°C ou de 100°C? A representação do QI compreende os conceitos de capacidade intelectual, criatividade, discernimento, portanto devem ser esclarecidos. Até termos como “pessoa idosa” devem ser discriminados: a partir de que idade o indivíduo é considerado idoso para fins da pesquisa? 60, 70, 75 anos, ou mais? Além disso, os conceitos podem ter significados diferentes de acordo com o quadro de referência teórica ou ciência que os emprega. Por exemplo: “cultura” pode ser entendido como conhecimento literário (popular), conjunto de aspectos materiais, espirituais e psicológicos que caracterizam um grupo (Sociologia e Antropologia) e cultivo de bactérias (Biologia). (13)

(10) E. M. LAKATOS e E. de Andrade MARCONI, *op. cit.* p. 199.

(11) *ibidem*, p. 199.

(12) *Op. cit.* p. 200.

(13) *Ibid.* p. 200

VI – Metodologia

Uma das principais características e grande virtude da ciência, da produção científica, é a sua **verificabilidade**, ou seja, a possibilidade de qualquer pessoa, aplicando os mesmos procedimentos adotados por um pesquisador, chegar a idênticos resultados ou conclusões.

O item metodologia num projeto de pesquisa responde às perguntas “como”, “com quê”, “onde”, “quanto”, isto é, revela os caminhos, os atalhos, os desvios que o pesquisador deverá percorrer para demonstrar suas hipóteses, tendo em vista e por referência os objetivos visados, os pressupostos assumidos e as condições técnicas e materiais disponíveis.

VI – 1. Natureza da Pesquisa

Define-se aqui o tipo de pesquisa a realizar, de acordo com alguma classificação adotada, explicitando a natureza do estudo do tema em questão. São numerosas as classificações existentes, variando de acordo com o critério escolhido. Por exemplo, GIL (14), tomando como critério os objetivos da pesquisa, as classifica em **exploratória**, **descritiva** e **explicativa**; usando como critério os procedimentos técnicos de coleta e análise de dados, classifica as pesquisas em: **bibliográfica**, **documental**, **experimental**, “**ex-post-facto**”, **levantamento**, **estudo de caso**, **pesquisa-ação**, e **pesquisa participante**. (Ver Quadro 1).

QUADRO I

CLASSIFICAÇÃO DAS PESQUISAS

(Apud: GIL. A. Carlos)

I – COM BASE NOS OBJETIVOS	II – COM BASE NOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS
<ul style="list-style-type: none">● EXPLORATÓRIA – Aumenta Familiaridade com o Problema, Aprimora Idéias● DESCRITIVA – Descreve Características de uma População ou Fenômeno, Estabelece Relação Entre Variáveis.● EXPLICATIVA – Identifica Fatores que Determinam ou Influenciam a Ocorrência dos Fenômenos.	<ul style="list-style-type: none">● BIBLIOGRÁFICA – Fontes secundárias● DOCUMENTAL – Fontes primárias● EXPERIMENTAL – Laboratórios● EX-POST-FACTO – Sobre fato acontecido (impacto ou reflexos)● LEVANTAMENTO – Questionário, entrevista● ESTUDO DE CASO – Estuda detalhadamente um caso.● PESQUISA-AÇÃO – Através de seminários, etc.● PARTICIPANTE

(14) Antônio Carlos GIL. *Técnicas de Pesquisa Social*.

Trata-se também de definir o modelo de abordagem que caracterizará a pesquisa. Exemplos de abordagem: indutiva, dedutiva, hipotético-dedutiva, dialética.

VI – 2. Universo ou População

O interesse da pesquisa não é estudar indivíduos isolados ou casos particulares. Ela visa, antes, a estabelecer generalizações, a partir de observações em grupos ou conjuntos de indivíduos chamados de **população** ou universo, isto é, a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características, definidas para um determinado estudo, de acordo com especificações próprias de cada caso. Ex.: pessoas e residentes em Recife, ou seja, a população no caso, equivale a **todas as pessoas residentes em Recife**. Pode-se, também, acrescentando-se novas especificações às anteriores, caracterizar subpopulações ou estratos, significando uma população incluída em outra mais ampla. Ex.: universitários residentes em Recife. (15) É preciso que o conjunto de seres animados ou inanimados, que constituem o universo ou população, apresentem pelo menos uma característica em comum, de acordo com LAKATOS e MARCONI. (16)

VI – 3. Amostra

A pesquisa, em geral, não é feita censitariamente, com todos os elementos que compõem uma população, isto devido a fatores econômicos, de tempo, ou mesmo por desnecessidade. Neste caso, seleciona-se uma parte **representativa** dela, denominada **amostra**.

O problema de amostragem centra-se, assim, na escolha de uma parte ou amostra da população, de tal forma que ela seja a mais representativa possível do todo, e, a partir dos resultados obtidos, relativos a essa parte, poder inferir, o mais representativamente possível, os resultados da população total, se essa fosse verificada. (17)

O mais importante na seleção de uma amostra é seguir determinados procedimentos que assegurem ser ela representação adequada da população donde foi retirada, dando-nos, assim, confiança de generalizar para o universo o que nela for observado. Para garantir esta representatividade, a técnica de seleção de amostra procura responder a indagações fundamentais como: a) **quantos indivíduos deve ter a amostra para que represente, de fato, a totalidade de elementos da população**; b) **como selecionar os indivíduos de maneira que todos os casos da população tenham possibilidades iguais de serem representados na amostra**. (18)

VI – 4. Procedimentos, Técnicas e Instrumentos

O levantamento dos dados, ou seja, o acesso à população ou amostra para a coleta das informações ou opiniões desejadas, se faz através de determinados preceitos ou processos de que se serve usualmente a ciência.

Os procedimentos de pesquisa, segundo LAKATOS e MARCONI (19), apresentaram duas grandes divisões:

(15) Franz Victor Rúdio, *op. cit.* p. 49/50.

(16) *Op. cit.* p. 197.

(17) *Ibidem*, p. 198.

(18) Franz Victor Rúdio, *Op. cit.* p. 50

(19) *Op. cit.* p. 196.

- documentação indireta, abrangendo a pesquisa documental e a bibliográfica;
- documentação direta, com as seguintes subdivisões:

A — Observação direta intensiva, compreendendo as técnicas da **observação**, que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, e da **Entrevista**, que é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica.

B — Observação direta extensiva, compreendendo as técnicas:

- questionário;
- formulário;
- medidas de opinião e de atitudes;
- testes;
- sociometria;
- análise de conteúdo;
- história de vida;
- pesquisa de mercado;
- estudo de caso.

VI - 5. Fontes

Define-se aqui "onde" procurar e obter os dados, informações e opiniões que o pesquisador deverá utilizar, analisar e interpretar no desenvolvimento de sua argumentação para comprovar as hipóteses que estão sendo trabalhadas.

As fontes costumam ser divididas em dois tipos ou grupos — fontes "gente" ou "pessoa" e fontes "papel", as primeiras referindo-se a informantes vivos — autoridades, especialistas, atores de eventos em observação —, e as outras, condizendo com documentos, livros, artigos, publicações e material impresso em geral.

VII — Condições de Execução

Explicita-se aqui a previsão dos recursos necessários à realização da pesquisa, especificando entre humanos, materiais e financeiros, incluindo, sempre de modo detalhado, orçamentos que demonstrem fontes e usos dos recursos.

As exigências relativas a este item variam em função do tipo de encaminhamento a ser dado ao projeto. Há casos em que tais demonstrações são até desnecessárias.

Pode-se mencionar aqui também, se for o caso, facilidades com que o pesquisador poderá contar em apoio ao desenvolvimento de seu trabalho em termos de serviços, infra-estrutura técnica (equipamentos), ajudas pessoais.

VIII — Cronograma

Através de um cronograma, o pesquisador, apresentará o fluxo de desenvolvimento de seu trabalho na realização da pesquisa, desde as etapas iniciais até a elaboração e apresentação do relatório ou documento final.

Às vezes, associa-se o fluxo de eventos e atividades com o de gastos de recursos financeiros correspondentes, orientando o órgão financiador, quando for o caso, quanto à liberação das verbas.

B — RELATÓRIO DE PESQUISA

Ao concluir o estudo desenvolvido através da pesquisa, há que se fazer a sua comunicação e divulgação na forma de um relatório.

As regras que fixam a estruturação deste relatório aplicam-se, salvo poucas exceções relacionadas a detalhes de forma, a outros semelhantes, inclusive a monografia que, no fundo, equivale à expressão escrita de uma produção científica resultante de pesquisa.

O roteiro do relatório de pesquisa reproduz, em sua quase totalidade, o roteiro do projeto de pesquisa, agregando elementos — títulos, itens, detalhamentos — que, no desenvolvimento do trabalho, se revelaram necessários ou interessantes como enriquecimento do produto elaborado. Evidentemente, o relatório ou a monografia contém algo de novo ou específico que é a apresentação, análise e interpretação dos dados, e a conclusão, apenas previstas no roteiro do projeto de pesquisa. Por esta razão, o roteiro ora apresentado é esquemático ou sintético, não repetindo detalhes já explicitados no Roteiro de Projeto de Pesquisa (Item A).

● PRÉ-TEXTUAIS

Compreendem as peças formais de apresentação do trabalho, incluindo capa, folha de rosto, página de agradecimentos, sumário ou índice de assuntos, e, quando houver, listas de tabelas, de gráficos e de abreviaturas.

. A Capa contém:

- Entidade
- Título (e subtítulo, se houver)
- Autor ou coordenador
- Local e data

. A Folha de Rosto contém:

- Entidade
- Título (e subtítulo, se houver)
- Autor ou coordenador
- Equipe técnica (quando for trabalho coletivo)
- Local e data

I — INTRODUÇÃO

Sendo a última parte a ser redigida, a Introdução serve para apresentar o trabalho ao leitor ou analista, devendo conter um texto corrido, sem necessidade de titulação e numeração internas, informações sobre: os objetivos, o objeto da pesquisa (assunto/tema/problema/hipótese), justificativa, fundamentação, dimensionamento e alcance do trabalho, estratégia metodológica e, ainda, a estrutura e organização do documento, ou seja, suas partes, itens e articulações.

II — DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento equivale ao corpo ou parte central do trabalho, adotando-se a estrutura, em termos de capítulos, itens ou seções, que for mais adequada à natureza e às características do estudo. Em geral, esta composição inclui os seguintes tópicos:

- . Embasamento teórico:
 - Revisão bibliográfica
 - Teoria de base ou marco teórico
 - Definição de termos

- . Metodologia

- Igual à do projeto, acrescentando-se o item Limitações, em que se indicam possíveis fatores que tenham contribuído para restringir o alcance e a qualidade da pesquisa, em termos de condições de trabalho relativas a tempo, acesso a fontes, recursos, apoios.

- . Apresentação ou organização, análise, e interpretação dos dados e resultados.

Este tópico é o item essencial do trabalho, pois consiste no próprio desenvolvimento da argumentação comprobatória da hipótese em questão com base nos dados resultantes da observação, nas opiniões levantadas, e expressando a interpretação que o autor deu aos mesmos em defesa de seu ponto de vista, de seu posicionamento relativamente ao problema da pesquisa.

A critério do autor, desde que assim concorra para a clareza da argumentação, os dados podem, primeiramente, em um item específico, ser apresentados e organizados (em tabelas, quadros, gráficos). Em outro item, a seguir, se desenvolvem as análises interpretativas, as correlações e inferências a respeito dos mesmos.

III — CONCLUSÃO

É o fecho do trabalho, em que o autor, retomando tudo o que ficou demonstrado anteriormente, apresenta sua **síntese pessoal** na forma de generalizações, inferências ou predições. Este é o momento e o lugar onde o pesquisador apresenta a sua contribuição individual propriamente dita para o esclarecimento ou explicação do tema e do problema estudado. Aqui ele se revela autor de fato, original, aportando algo de novo — acréscimo de conhecimento — a respeito do que foi estudado.

Na Conclusão, podem-se recapitular conclusões parciais porventura contidas no corpo de trabalho, e, se isto se incluir como objetivo do estudo, apresentar propostas, sugestões e recomendações de ordem prática, visando à aplicação dos resultados da pesquisa na solução de problemas inerentes ao tema.

● PÓS-TEXTUAIS

- Anexos

Tudo aquilo — exemplares, modelos, ilustrações, cópias, dados — que efetivamente contribuir, complementarmente, para ampliar a compreensão das questões estudadas no corpo do trabalho. O critério para a anexação é a significância e a contribuição do elemento para esclarecer o estudo do tema.

- Bibliografia

4. CUIDADOS NA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

4.1. O trabalho de pesquisa, em geral, é complexo, permeado de muitas decisões a tomar, exigindo escolhas de alternativas e opções. Portanto exige paciência, aplicação e perseverança, virtudes indispensáveis em um pesquisador.

4.2. O processo de trabalho no desenvolvimento da pesquisa para ser produtivo e de qualidade, deve ser social ou compartilhado, nunca se realizando solitariamente. É preciso recorrer a ajudas e apoios diversos, junto ao orientador específico, a colegas de trabalho, amigos e todos quanto possam colaborar, discutindo, avaliando, corrigindo, aperfeiçoando.

4.3. A capacidade de organização é fundamental para o pesquisador trabalhar produtivamente. Saber planejar, priorizar, documentar, controlar, rever — eis um instrumento necessário. O processo de pesquisa no fundo é uma busca de sistematização.

4.4. A preparação do Projeto, com todas as exigências que isto requer, é a principal condição de êxito para a pesquisa. Investir no projeto — reflexão, tempo, discussão — é investir vantajosamente na própria pesquisa. Um bom projeto representa meio caminho andado para a pesquisa.

4.5. É preciso limitar o campo do trabalho e cingir-se a ele na aplicação do esforço de produção. Em outras palavras, é preciso evitar a dispersão. Uma vez fixado o que fazer, e para isto serve o projeto, é cuidar de cumprir rigorosamente.

4.6. Apesar de sua importância como orientação do trabalho do pesquisador, o Projeto deve ser encarado antes como um "mapa", do que como uma "camisa-de-força". Isto significa que, com o desenvolvimento do processo de produção, alterações podem ser introduzidas no projeto inicial, corrigindo-lhe rumos, adequando-o às condições de trabalho possíveis, aperfeiçoando-o enfim.

4.7. O pesquisador deve usar uma linguagem que é própria da ciência e a única reconhecida neste universo de comunicação. Ela prima pela **objetividade, precisão e clareza**. É preciso conhecer a linguagem científica, mesmo que o pesquisador seja um mestre da linguagem literária.

4.8. Em ciência não vale afirmar. É preciso provar, demonstrar a afirmação, assegurando sua verificabilidade. Se não tiver como provar, é preferível desistir ou buscar outro caminho.

4.9. A pesquisa é o caminho da ciência que se desenvolve cumulativamente. Cada pesquisa deve constituir-se numa pedra a mais, por menor que seja, nesta construção. Pesquisar o óbvio nada acrescenta; para que fazê-lo?

4.10. A origem da pesquisa e o motor da ciência são os problemas que inquietam o homem. O problema é o ponto de partida desde que ele represente uma dúvida real que agride e incomoda uma inteligência. Portanto, de um bom problema depende uma boa pesquisa.

4.11. Um bom pesquisador é, antes de tudo, um bom leitor. Uma desenvolvida capacidade de leitura com técnica, ritmo e produtividade é fundamental para quem se propõe a fazer pesquisa. Associado a esta capacidade, é preciso saber também sintetizar, resumir, documentar.

4.12. A postura de cientista — alguém indagador, analítico, crítico, que fundamenta o que diz e escreve, que demonstra o que afirma, que organiza e controla o que faz — deve prevalecer ao longo de toda a produção que o pesquisador desenvolve, como uma virtude e um hábito. Questão de coerência. Ser cientista não é ter um crachá pregado no peito. É muito mais.

. BIBLIOGRAFIA

1. LUCKESI, Cipriano Carlos et alii. **Fazer Universidade: uma proposta metodológica.** São Paulo, Cortez, 1986.
2. GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** São Paulo, Atlas, 1988.
3. KERLINGER, Fred Nichols. **Metodologia da Pesquisa em ciências Sociais: um tratamento conceitual.** Tradução: Helena Mendes Rotundo. São Paulo, E.P.U. -1980.
4. RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social. Métodos e Técnicas.** 2ª ed. São Paulo, Atlas, 1989.
5. RUDIO, Franz Víctor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica.** 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 1980.
6. VERA, Asti. **Metodologia de la Investigacion.** Buenos Aires, Editorial Kapehiz, 1968.